

Evocação de Júlio Plaza

JERUSA PIRES FERREIRA

Um dia daqueles em que o ar fica mais pesado do que de costume e nem se conversa, trabalha ou aproveita, me levanto e vou à janela da sala que ocupava na ECA-USP. Olho para o gramado e vejo o Plaza, com sua botinha preta, camisa jeans, andando cabisbaixo e chutando com raiva a grama. Não me contive, e em nome de nossa amizade, que vinha de tantos anos, perguntei-lhe o que havia com ele. Sua resposta, altiva a seu modo, me informava que não era nada, birra de aquariano! Não sou ligada em horóscopos, mas não deixei a conversa fugir e lhe perguntei, meio à toa, e como para distraí-lo:

– Em que dia você nasceu? E ele respondendo, já mais animado:

– No dia 1o. de fevereiro de 1938.

Prossigui: – A que horas?

– Às nove da manhã em Madrid, Espanha. Estremeço. É que nasci no mesmo dia, mês, ano, hora (guardada a diferença dos fusos horários), pois vim ao mundo às cinco da manhã em Feira de Santana, Bahia.

Portanto, curiosamente, chegamos juntos à vida, em lugares tão diferentes, viemos nos encontrar em São Paulo, criamos uma amizade e, mais que isto, a partir desse dia e desta revelação, uma espécie de irmandade que compreendia aproximações e afastamentos, silêncios ou conversas, enfrentamento de circunstâncias, as mais diversas, mas sempre mantendo um laço de carinho e de respeito.

A notícia de seu desaparecimento, dá para se entender, me toca muito profundamente, posso até falar da dor que me alcançou, mais do que muitas vezes por pessoas que estivessem convivendo de perto, coisa que neste caso não acontecia.

A última vez que nos vimos, foi descendo as escadas da PUC, para a rua Ministro Godoy, outro território em comum. Nos abraçamos com uma certa emoção, não nos

encontrávamos há muito. Nem mesmo acompanhava os passos de sua vida pessoal. E então vi, de perto e pela primeira vez que já não era o jovem amigo, mas alguém envelhecendo mais rápido. O que me chamou a atenção foi a sobrancelha, em que longos fios se cacheavam. Imagino que posso ter lhe causado a mesma impressão. Onde teria ficado aquela moça mais esbelta, com o cabelo de um lado só, conforme a capa lilás de seu livro *Cavalaria em Cordel*?

Vim para casa e evoquei Julio Plaza, sabendo-o em pertença a um "clã-totêmico" imaginário, em que me situo, lúdica e afetivamente, nas relações humanas. Lembrei de quando o conheci, no ano de 1977, quando chegava para fazer o doutorado em São Paulo. Ele vivia com Regina Silveira, amiga e artista admirável, eu tinha um companheiro, Olympio Pinheiro, amigo e aluno de ambos na ECA-USP.

Passamos a conversar e a conviver. Não posso deixar de falar da figura de Julio, já de cabelos grisalhos, tínhamos 30 e tantos anos, de porte altivo, a envergadura de um grande pássaro, o seu indefectível casaco de couro negro, óculos escuros, meio James Dean, meio Marlon Brando, rebelde, inquieto, belo. Brincávamos chamando-o de "bandidón".

Podia parecer duro e difícil de temperamento, mas era doce e terno, e entre nós se criou logo uma espécie de cumplicidade. Por exemplo, cultivávamos uma certa irreverência no comentário, e isto nos aproximou. Detestava o embolorado dos folclores e no entanto, ao chegar de Porto Alegre, viu meu livro (o já referido) que tratava dos ciclos cavaleirescos ibéricos no nordeste brasileiro nas livrarias, alegrou-se e comentou comigo os conteúdos. Viu também ali minhas "semióticas" de Urbino, passou a me considerar intelectualmente.

Interessado na experimentação, nas vanguardas, no mundo dos signos e da pesquisa, participava dos movimentos de renovação, e constatava também certas adesões inconseqüentes. Comentando sobre arte-xerox, referindo-se a alguém que mal chegara ao ramo e já nos mandava mil trabalhos, comentou com graça: é um emplastrador, ou seja, alguém que emplastra o mundo com seus papéis. Aliás, passou até a organizar um dicionário de artes plásticas que continha informação, trocadilho e ironia. Confesso que não pude acompanhar que destino teve este projeto tão interessante. Uma das seqüências, e que até hoje cito e repito: *Arte é verba*.

O artista que nos anos setenta fizera com Augusto de Campos *A caixa preta*, os *Poemóviles*, apaixonado pelo I Ching, pela arte oriental, pelos ideogramas, dominando o sentido pleno da inovação e da paródia, organizava com muita discrição suas intervenções.

Está sempre presente em meu olho que recorda a figura do "Superhomem", empunhando um móbile de Calder em uma de suas gravuras. Ainda na década de

setenta (do século passado, imagine-se), nos convida para uma instalação que tinha feito no Gabinete das Artes. Era uma homenagem a Kasimir Maliévitch, e que se construía pela contraposição entre um quadrado de chumbo e uma cruz de néon, colocadas em paredes opostas, e tendo como intermediação um corredor de borracha negra. Fiquei tão extasiada que lhe enviei um telegrama. Passaria a percorrer os territórios em que me iniciava.

Muitos anos depois, já nos noventa, numa grande exposição do Centro Cultural Itaú, na Avenida Paulista, encontro uma inscrição de Plaza, um trabalho seu em letreiro luminoso, que dizia apenas, ao piscar **150.000.000**, sintetizando a mesma sutileza, graça, alcance do artista. Telefonei para ele manifestei-lhe minha admiração e incluí o comentário num texto que publiquei.

Na vida universitária fizemos em épocas bem próximas os nossos doutorados, concursos, livre-docências. Tudo a que tínhamos direito na escalada do sofrimento universitário. Sempre em ambos um pouco de inquietação e tumulto nessas ocasiões. Foi ele quem naquela ocasião me disse que a livre-docência era um corredor polonês, e eu logo me pus de acordo. Publicamos pelas mesmas editoras os nossos livros, Hucitec e Perspectiva, e em torno disso houve sempre o diálogo.

Em 1986, ao me separar de meu companheiro e ele de Regina, depois de 20 anos, lhe emprestamos nossa casa no Morumbi e há, nesta seqüência, toda uma série de episódios interessantes, uns alegres outros nem tanto, mas alguns bem curiosos.

Havia ao redor da casa um pequeno jardim que eu insistia em fazer de pomar, e desajeitadamente resolvi plantar algumas bananeiras. Um dia vou visitar o Julio naquela casa meio fantasmagórica, grande e vazia, desolada e triste e começo a rir, pois num dos pontos da sala ele tinha pendurado um cacho de bananas para amadurecer em lugar do lustre.

Um outro episódio de que me lembro com carinho e quase a lhe pedir desculpas foi o lançamento de seu livro a *Tradução Intersemiótica* (Ed. Perspectiva) numa livraria dos Jardins. Por essa altura, eu já estava casada com Boris Schnaiderman. De repente, Julio se entusiasma tanto pela presença de seu mestre, que dedica o livro a ele e me ignora. Não deixei passar, tola que era, e ao lhe cobrar minha expulsão do texto, na dedicatória manuscrita, causei-lhe um certo mal-estar. Dias depois viria um telefonema seu, era noite, (não sei se ele tinha tomado uns chopinhos, talvez), dizendo-me o quanto me estimava. Me mandou também olhar a lua que estava clara naquela noite. Mensagem de paz.

Personagem, artista, amigo, pessoa da mesma geração, Plaza mereceu da minha parte um afeto que nem sempre pude lhe manifestar, uma admiração pela sua arte, pelo modo de exercê-la, que pretendo comunicar aos conhecidos e aos

que me lerem, aos jovens que se aventuram na arte de pensar, de criar e de viver intensamente conflitos, vicissitudes, desafios.

Aqui, portanto, a homenagem comovida, entre outras, que um artista como ele receberá e que o merece em todos os tempos.

JERUSA PIRES FERREIRA é professora da ECA-USP, e do Programa de Comunicação e Semiótica da PUC/SP, onde dirige o Centro de Estudos da Oralidade.